SÍNTESE NOVA FASE
v. 22 n. 71 (1995): 513-522

O PODER DA LINGUAGEM

A ARTE RETÓRICA DE ARISTÓTELES

Luiz Rohden
CES - Belo Horizonte, MG

Το τε γαρ αληθες και το ομοιον τω αληθει της αυτης εστι δυβαμεως ιδειν, αμα δε και οι ανθρωποι προς το αληθες πεφυκασιν ικανως και τα πλειω τυγχανουσι της αληθειασ διο προς τα ενδοξα στοχαστικως εχειν του ομοιως ομοιως εχοντος και προς την αληθειαν εστιν*.

Resumo: O ponto de partida da nossa reflexão é que a Filosofia atualmente sofre a tentação de se reduzir à razão lógico-matemática. Na tentativa de mostrar novas dimensões do problema da razão, apresentaremos o conceito de retórica anterior a Aristóteles, e em seguida o que está explicitado na Arte Retórica. A partir disso explicitaremos o conceito de racionalidade retórica articulado com a lógica, a ética e a política. Concluiremos apresentando, dentro de um conceito mais amplo de filosofia, os limites da filosofia aristotélica.
Palavras-chave: Retórica, racionalidade retórica, persuasão, Aristóteles.

Abstract: The investigation starts considering the attempt to reduce philosophy nowadays to a logical and mathematical reasoning. In order to demonstrate new dimensions of the problem of reasoning the author presents first the idea of rhetoric prior to Aristotle, and second, the fresh line of research as dealt with in Aristotle's work On Rhetoric. Based on these studies the idea of rational rhetoric will be explicitated in conjunction with logic, ethics, and politics. The conclusion deals with the limitations of Aristotelian philosophy in relation to a larger concept of philosophy.
Key words: Rhetoric, rethorical reasoning, persuasion, Aristotle.

1. A retórica antes de Aristóteles

A oratória foi concebida inicialmente como uma deusa poderosa. Homero a considerava uma dádiva divina concedida à humanidade para viver melhor. Os argumentos possuíam um caráter mais de inspiração divina e psicológica que conceitual.

Nas tragédias, a oratória retrata o poder da linguagem manuseado pelos homens a fim de contestarem a última palavra das divindades, acerca do destino sobre os homens. A necessidade de usar o poder da linguagem para reaver bens fez com que Córax e Tísias escrevessem o primeiro tratado sobre oratória — o que constitui a arte retórica — a qual ensinava a maneira de ganhar as causas diante dos tribunais.

Com os sofistas, principalmente Górgias e Protágoras, a arte retórica assumiu uma feição relativista. Enfatizaram a função persuasiva da linguagem para obtenção do poder político e por essa razão desenvolveram uma retórica com funções basicamente estilísticas. Com isso a linguagem volta-se sobre si mesma, através do uso correto das palavras sem fundamentá-las numa realidade exterior a elas. Começou-se a dar forma à *racionalidade retórica*.

Para Isócrates, a arte retórica era um instrumento de educação ético-política para promover a justiça, exprimir a glória e incrementar a cultura. Enfatizou a racionalidade retórica como racionalidade prática, menosprezando toda e qualquer abstração e teoria que não tivessem repercussão prática imediata. Recomendou, em oposição à concepção de Filosofia da Linguagem explicitada pelos sofistas, o emprego verdadeiro e justo da palavra para criar o estado de perfeição humana que é a *eudaimonia*.

Platão comparou a arte retórica à prática culinária, no sentido de que ambas procuram apenas agradar, causar prazer. Desprezou-a por ela se fundamentar no mundo da *dóxa* que, para Platão, não faz parte da filosofia, para quem os discursos devem ser estruturados pelo saber verdadeiro, rigorosamente demonstrativo, cujo modelo é a verdade geométrica. Criticou a racionalidade retórica não subordinada à Ética. Noutro momento, Platão tentou justificá-la filosoficamente.

A concepção pejorativa da racionalidade retórica, emergente em Platão nasce da confusão acerca do próprio conceito de Filosofia que pressupõe como válido unicamente o saber rigorosamente demonstrativo. A grande lição platônica quanto à retórica é que ela não deve procurar agradar aos homens, mas demonstrar a verdade.

2. A Arte Retórica de Aristóteles

Aristóteles soube recolher as diferentes visões acerca do uso do poder da linguagem e integrá-las em sua *Arte Retórica*, o que para nós constitui uma das origens da Filosofia da Linguagem. As diferentes colorações que a arte retórica foi recebendo e o conflito entre as mesmas decorrem das diferentes concepções de racionalidade. Conflito que, em última análise, mostra um confuso conceito de razão, isto é, da própria filosofia.

O método próprio da Retórica é o emprego de entimemas, que são silogismos com premissas prováveis e freqüentes. Seu objeto constitui-se pelo mundo das opiniões, do verossímil, do provável, cuja função não é somente persuadir, mas ver os meios de persuadir em cada caso, reconhecendo o que é, ou não, persuasivo em cada situação. Sua utilidade é facultar que os pleiteantes de uma discussão não sejam vencidos por quem está em erro. Uma visão holística da obra de Aristóteles deixa claro que a *Arte Retórica* não pode ser imoral nem prejudicar a vida política da qual ela é uma ramificação[1].

Comparado a Platão, Aristóteles não menosprezou a racionalidade retórica, nem a subordinou à racionalidade epistêmica, uma vez que seu domínio não pode ser limitado à verdade pura, necessária, universal e que, na vida cotidiana, nós não nos apoiamos sempre sobre verdades absolutas, mas normalmente regramos nossa conduta pelas verossimilhanças e probabilidades, o que constitui a racionalidade retórica. Isto é, no âmbito da Filosofia da Linguagem defendemos que é impossível procedermos, na maioria das vezes, de modo lógico-matemático.

Aristóteles pôde superar os equívocos que reduziam a racionalidade retórica a uma dimensão ou meramente prática, ou epistêmica, ao estabelecer a divisão do saber em três aspectos: epistêmico, prático e poiético. Uma vez que "a exatidão matemática não se deve exigir em todos os casos"[2], toda pesquisa somente "será adequada se tiver tanta clareza quanto comporta o assunto, pois não se deve exigir a precisão em todos os raciocínios por igual"[3]. É próprio da filosofia buscar "a precisão, em cada gênero de coisas, apenas na medida em que a admite a natureza do assunto. Evidentemente, não seria menos insensato aceitar um raciocínio provável da parte de um matemático do que exigir provas científicas de um retórico"[4]. Com esse ponto de partida, podemos criticar a Filosofia da Linguagem que se reduz à mera análise semântica da linguagem e justificamos assim uma Filosofia da Linguagem adequada à realidade humana.

3. A racionalidade retórica na obra de Aristóteles

A racionalidade retórica estrutura-se sobre entimemas cujas premissas são prováveis e as conclusões têm o mesmo caráter, porque assim é a natureza da práxis, pois as ações humanas se sustentam sobre juízos que poderiam ser de outra maneira, em oposição à racionalidade apodítica que possui premissas verdadeiras, imutáveis, e a conclusão decorre necessariamente, à *"more geometrico"*.

A validade das premissas dos entimemas se obtém *ex homologouménon*, ou seja, "daquilo sobre que se está de acordo", de maneira que isto é o que faz "demonstrativos" os raciocínios retóricos. Ou seja, do que se admite, *ek tôn dokoúton*, "do que é plausível", nasce a verossimilhança dos enunciados retóricos que não podem ser objeto da demonstração científica. Afinal, "deliberamos sobre coisas que dependem de nós e são factíveis"[5], isto é, deliberamos sobre a *doxa*, sobre diferentes possibilidades de escolha. E o possível corresponde à *doxa* significando "aquilo que não é necessariamente falso; em outro sentido, o que é verdadeiro; e, em outro ainda, o que pode ser verdadeiro"[6]. Os argumentos *dóxicos* se referem à possibilidade.

A racionalidade retórica é uma racionalidade "aberta" (não necessitária, em sentido do verbo alemão müssen), que se compõe do universo do persuasivo em que os temas ético-políticos procuram ser organizados numa arquitetonia razoável. Racionalidade com *poder*, o que deve ser compreendido como: 1º. A linguagem possui poder, no sentido que carrega uma força histórica independente de uma situação determinada. Por exemplo, o conceito de Estado, de Liberdade, está carregado de um conjunto de diferentes sentidos, conotações que a história nos apresenta. 2º. Falamos em *"Poder da Linguagem"* porque a retórica é uma racionalidade situada entre a linguagem neutra (científica, matemática): "por isso os tratados matemáticos não possuem um caráter moral, porque eles não comportam nenhuma intenção moral"(*Ret.*, 1417a 19-20) e a força bruta ("se fosse odioso não poder se defender com seu corpo, seria absurdo não poder fazê-lo pela palavra, cujo uso é mais próprio ao homem que do seu corpo" (*Ret.*, 1355a 38 - b1). 3º. Falamos em *"Poder da Linguagem"* no sentido que ela orienta e desorienta as pessoas. Daí a razão porque afirmava Nietzsche que a linguagem é perigosa.

Com a racionalidade retórica integramos elementos passionais (afetos, paixões) com racionais (conceitos, abstrações) num "constructo" filosófico. Pensar filosoficamente hoje, com a racionalidade retórica, significa procurar compreender o mundo-da-vida em que nos encontra-

mos e nele descobrir os lugares-comuns (em termos ético-políticos), a fim de estruturar a Filosofia da Linguagem para e com os seres humanos.

Para superar uma visão preconceituosa que pesa sobre a retórica, devemos ter presente os pressupostos epistemológicos de Aristóteles. Um pressuposto epistemológico fundamental para compreender suas obras é que "a verdade e a justiça são mais fortes que seus contrários. Os homens são suficientemente dotados para o verdadeiro e alcançam amiúde a verdade"[7].

Em princípio, a racionalidade retórica não é neutra e, como ocorre com todas as artes, pode ser usada tanto para o bem como para o mal. Ela não pode ser lida nem interpretada desvinculada da Ética, da Política, da Metafísica.

Não pretendemos abandonar o mundo dos conceitos analítico-formais, mas complementá-los com o mundo-da-vida onde a intencionalidade humana se manifesta e nunca poderá ser apreendida em um conceito unívoco.

Queremos dizer que a forma correta e válida de racionalidade não é somente a lógica, apodítica, mas que há um outro aspecto, infelizmente pouco conhecido, e que deve merecer nossa atenção nos tempos atuais. Trata-se de uma face esquecida da racionalidade, e que pode ser expressa como "fraca" (*soft*), como "sollen" ou "verstehen", e não "dura" (*hard*) como müssen ou erklären.

Não caímos, com isso, no relativismo ou pragmatismo filosóficos, uma vez que a racionalidade retórica deve ser compreendida num todo em que se relaciona com a Ética, a Política e a Metafísica. A tarefa dessa última é pensar e articular diferentes faces da razão num sistema aberto em que as racionalidades aparecem inter-relacionadas. A função Metafísica é estabelecer a solidariedade entre Ontologia, Epistemologia e Axiologia.

Racionalidade retórica e Lógica

As contradições são eliminadas da racionalidade apodítica ao passo que na retórica elas são consideradas e trabalhadas. Existem (afinal as contradições fazem parte da realidade humana), embora não devessem existir. Só no mundo da racionalidade apodítica é possível elaborar uma Filosofia pura, isenta de toda e qualquer aporia/contradição.

Com a compreensão de racionalidade retórica recoloca-se a questão sobre o conceito de verdade que muitas vezes é reduzido ao aspecto lógico-matemático-constringente. A verossimilhança é uma forma de

verdade que também faz sentido para a filosofia, ainda que não seja clara nem evidente.

Com a racionalidade retórica, podemos deliberar sobre questões controvertidas, o que constitui um dos pilares do filosofar, uma vez que a filosofia vive do diálogo, da polêmica e que dificilmente temos uma situação ideal, cartesiana, leibniziana onde se poderia deduzir com um *"calculus ratiocinator"*.

Há domínios como o direito, a literatura, a educação moral e artística, a religião, que não podem ser pensados senão pela racionalidade retórica. Os raciocínios válidos para o campo da lógica formal não podem ser transpostos para o campo da ação humana.

Por meio da racionalidade retórica, salvaguardamos uma das características centrais do ser humano que é sua liberdade, realidade essa ignorada no terreno da Filosofia Lógico-analítica. Por meio da racionalidade retórica (que é argumentativo-discursiva e que supõe a liberdade e sua efetivação) superamos o monismo científico que ignora as particularidades e as contingências da ética e da política. O ser humano estaria limitado a ser um autômato, caso quisesse erigir um sistema filosófico que se restringisse à construção de uma linguagem apodítica, lógica, o que em termos políticos equivaleria à ditadura.

A motivação para exercer a liberdade não pode ser científica, e nem por isso podemos dizer que a escolha é irracional ou uma questão menos filosófica.

Racionalidade rétorica e Ética-Política

A racionalidade retórica é um método racional apropriado para refletir e atualizar o sentido de uma Ética e da Política. Concebida como lógica da deliberação, da decisão, ela permite "demonstrar" (*mostrar*) ou refutar razões particulares que movem os homens transformando-se em *órganon* para todo projeto de racionalização da vida pública.

O exercício retórico-deliberativo é útil por poder levar uma comunidade humana a resolver seus problemas pela discussão racional e não pelo uso do poder, seja econômico, seja físico.

Mais que descrição dos fatos, a Filosofia da Linguagem deve possuir um caráter ético-normativo que implica num dever-ser prático, como concretização da eqüidade, do bem. Superamos a concepção de Filosofia da Linguagem como simples conjunto de "jogos de linguagem". Ela se refere ao todo da vida humana: em sua dimensão lógico-matemática e ético-política.

A racionalidade retórica pressupõe a democracia como regime de liberdade e justiça para todos. O próprio processo retórico é democrático, forja a democracia e nela pode florescer. Somente com esta forma de racionalidade podemos hoje fundamentar a problemática questão dos direitos humanos.

Limites da racionalidade retórica aristotélica

Não podemos voltar a ser "aristotélicos", porque nos distinguimos de Aristóteles em pelo menos quatro aspectos:

O conceito de ciência erigido por Aristóteles mudou. Possuímos um novo conceito de ciência que se pauta pela matematização da natureza, a partir de Galileu Galilei. Com Galilei toma-se da natureza somente os aspectos quantificáveis, matematizáveis. Misturam-se diferentes gêneros, o que Aristóteles não aceitava. Para ele, a ciência é particular e consiste em descobrir a essência das coisas, da qual derivam propriedades necessárias e acidentais.

Não fica clara em Aristóteles a relação entre transcendental e empírico. Para ele o transcendental era basicamente uma questão intuitiva. Somente a partir da Idade Média e posteriormente com Kant, Apel e outros, se esclarece melhor essa distinção.

Falta na concepção aristotélica a dimensão social não só do homem, mas também do seu pensamento, pois conhecia pouco além da cultura grega. Embora tenha iniciado um estudo sobre as Constituições de outros estados não-gregos, não chegou a fazer uma comparação entre as culturas.

A apresentação que Aristóteles faz da racionalidade retórica na *Arte Retórica* é muito específica, muito localizada e só é compreensível dentro da situação grega de então. Ora, o sentido da racionalidade retórica ultrapassa os horizontes da cultura grega que Aristóteles conheceu. Além disso ele não refletiu sobre os limites da discussão empreendida pela racionalidade retórica e até que ponto é possível exercer a persuasão sobre as pessoas.

4. Um conceito mais amplo (universal) de filosofia

Desse modo superamos a interpretação genético-evolutivo de Aristóteles e suas obras, segundo a qual ele teria passado de uma

concepção idealista de filosofia à meramente empirista. Sua filosofia compreende distintas racionalidades que se encontram inter-ligadas e inter-dependentes, e ele escreveu obras tanto de caráter especulativo quanto prático e empírico, ao longo de toda a sua vida.

Superamos também a imagem de um Aristóteles meramente lógico, analítico. Estamos diante de um filósofo da opinião, da verossimilitude, um pesquisador das "coisas humanas", que valoriza as analogias, os provérbios, as probabilidades. A grande lição aristotélica consiste em apresentar uma Filosofia da Linguagem que não pretende eliminar de seu discurso a intencionalidade e a imprevisibilidade humanas.

Queremos dizer que a Filosofia não pode ser reduzida a um conjunto de símbolos compreensíveis só por um pequeno grupo de estudiosos. A racionalidade retórica presta-se ao uso de todas as pessoas para deliberar sobre questões controvertidas e chegar a determinadas soluções. A compreensão e exercício da racionalidade retórica faz com que ampliemos o conceito de filosofia para expressar melhor o sentido da própria vida humana e dar respostas mais profundas à questão kantiana *"o que é homem?"*. Enquanto técnica argumentativo-racional, a arte do uso do poder da linguagem nos permite refletir com mais coerência e globalidade sobre os diferentes âmbitos da experiência humana.

Com a racionalidade retórica, podemos construir um conceito de Filosofia da Linguagem que possibilite a compreensão dos homens e sociedades interagindo, elaborando sistemas razoáveis; imperfeitos, mas que buscam a perfeição. Não menosprezamos as ciências que se constróem a partir de nexos causais necessários, mas não reduzimos a filosofia a elas. Ampliamos a concepção de Filosofia como um sistema razoável que busca a perfeição e a unidade na pluralidade de sentidos.

Em outros termos, há vários modos de fazer discursos racionais e nem todos podem ser reduzidos ao cálculo lógico ou aos métodos científicos, exatos. Nem todos estão dotados do mesmo grau de rigor, de conclusividade, de constringência, mas todos são válidos, universalizáveis, comunicáveis e, em conjunto, todos compõem o quadro chamado "filosofia".

Ora, se os gregos foram tentados a deixa que o Destino os conduzisse ou arrastasse, os modernos somos tentados a sermos conduzidos ou arrastados pela racionalidade técnico-necessitária. Graças a essa nova reflexão sobre as distintas racionalidades que compõem a Filosofia podemos superar os monismos conceituais e os determinismos científico-históricos, a tentação de reduzir o ser humano a um autômato.

Apresentamos alguns elementos novos que devem ser levados a sério a fim de repensar os atuais rumos e sentido da própria filosofia. Esperamos ter contribuído para que a Filosofia possa renascer, como a

Fênix renasce das cinzas, com mais rigor e originalidade, facultando à humanidade uma vida mais feliz e livre. E em forma de reflexão sugestiva lembro aqui a última frase da *Arte Retórica* de Aristóteles: *ειρηκα, ακηκοατε, εχετε, κρινατε*[8].

BIBLIOGRAFIA

a. Fontes primárias:

ARISTÓTELES, *Rhétorique*. Tome I (livre I). Texte établi et traduit par Médéric Dufour. Paris: Les Belles Lettres, 1932.

ID., *Rhétorique*. Tome II (livre II). Texte établi et traduit par Médéric Dufour. Paris: Les Belles Lettres, 1938.

ID., *Rhétorique*. TomeIII (livre III). Texte établi et traduit par Médéric Dufour (+) et André Wartelle. Paris: Les Belles Letrres, 1989.

ID., *Retórica*. Introducción, traducción y notas por Quintín Racionero. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

ID., *Éthique a Nicômaco*. Texte, traduction, préface et note par Jean Voilquin. Paris: Librairie Garnier Frères, 1950.

ID., *La Poétique*. Le texte grec avec une traduction et des notes de lecture par Roselyne Dupont-Roc et Jean Lallot. Paris: Éditions Du Seuil, 1980.

b. Literatura secundária:

PIERE AUBENQUE, *El Problema del Ser en Aristóteles*. Madrid: Taurus Humanidades, 1987.

ENRICO BERTI, *La ragioni di Aristotele*. Roma: Ed. Laterza, 1989.

W. K. C. GUTHRIE, *Historia de la Filosofía Griega*. Vol. III, Madrid: Ed. Gredos, 1988.

WERNER JAEGER, *Paidéia*. São Paulo: Herder, 1936.

JEAN MARIE LE BLOND, *Méthode et Logique chez Aristote*..Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1939.

CHAÏM PERELMAN, *L'empire Rhétorique - rhétorique et argumentation*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1977.

C. PERELMAN, L. OLBRECHTS-TYTECA, *Rhétorique et Philosophie - pour une thérie de l'argumentation en philosophie*. Paris: PUF, 1952.

DAVID ROSS, *Aristóteles*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ, *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991.

ID., *Escritos de Filosofia II*. São Paulo: Loyola, 1988.